FUNDAÇÃO S.O.S SÃO FRANCISCO
Rua 4 Nº.2, quadra S 11 - Vila São Joaquim. Cep. 48925-000 Sobradinho-Ba
Tel.: (74) 3613.6897

RELATÓRIO DA VISITA TÉCNICA À SERRA DAS TRAÍRAS E AO GRUTILHÃO DOS CABOCLOS

Celito Kestering[1]

1 INTRODUÇÃO

No dia 21 de agosto do ano em curso, José Everício de Sena Brito, Jamile da Silva Lemos e Orleandro Marques Cardoso, servidores públicos da Secretaria da Agricultura e do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Sobradinho – BA e Celito Kestering, Presidente da Fundação SOS São Francisco, participaram de uma visita técnica à Serra das Traíras e ao Grutilhão dos Caboclos. Tinha-se o objetivo de prospectar a área onde a Mineração Jaguarari manifesta interesse em explorar jazidas de rochas, magmáticas, metassedimentares e metavulcanossedimentares para implantação de indústria de transformação desses minerais em pedras ornamentais. Esse projeto tramita no Conselho Municipal do Meio Ambiente de Sobradinho, para apreciação e votação. Apresenta-se, por conseguinte, o relatório da visita, para embasamento das discussões sobre esse tema que consta na pauta da reunião do aludido conselho, planejada para o dia 15 de setembro de 2017.

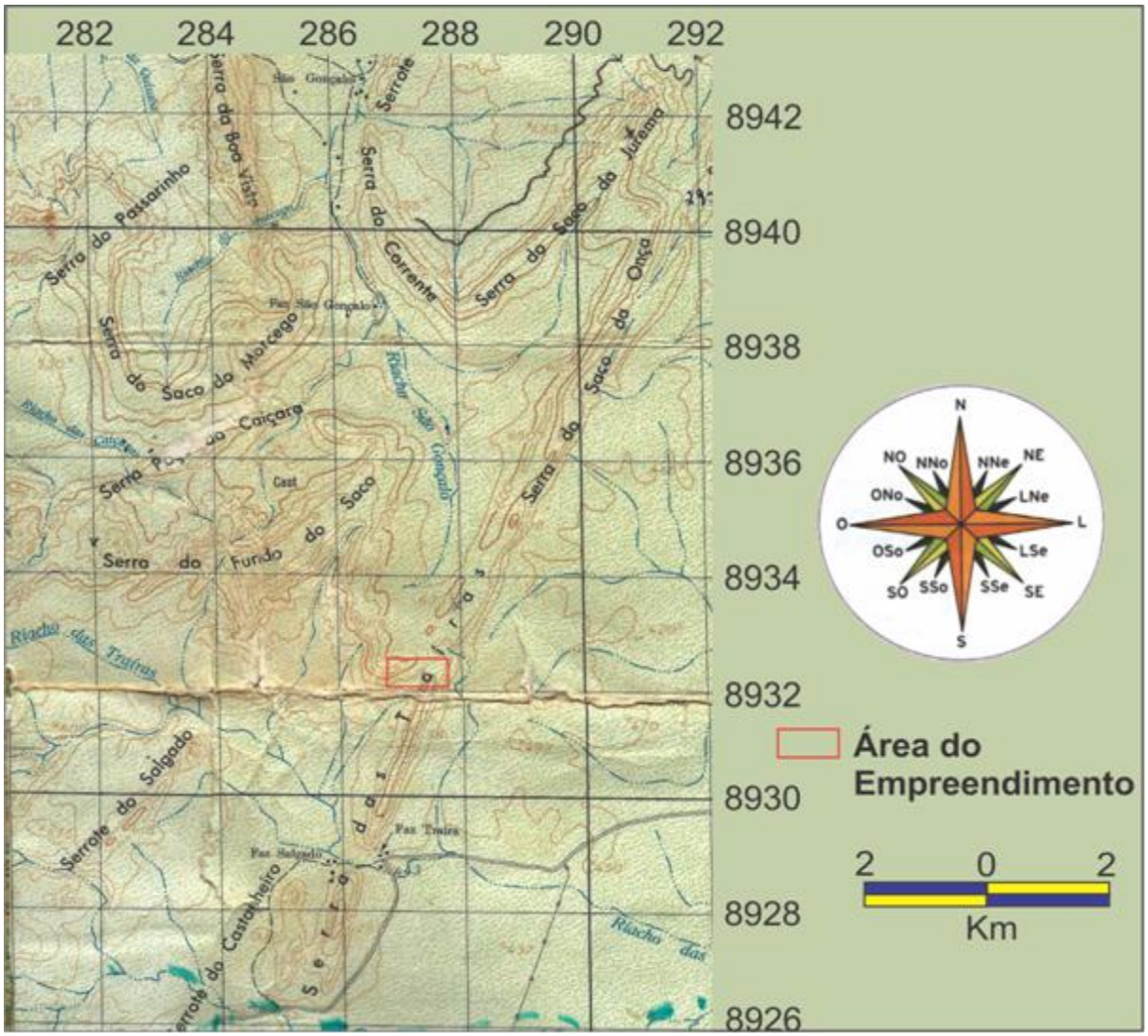
2 LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

A área destinada ao empreendimento abrange parte da Serra das Traíras, com 638 metros de altitude e da Serra do Fundo do Saco, com 768 metros de altitude (Fig. 1), localizadas no Município de Sobradinho – BA. Situa-se na região limítrofe entre as antigas fazendas de São Gonçalo e Salgado, hoje fundo de pasto de criadores remanescentes das duas fazendas. A feição de relevo que se situa entre as duas serras é conhecida regionalmente como Grutilhão dos Caboclos, o que sugere relação filogenética atávica dos seus atuais ocupantes com ancestrais indígenas, primeiros habitantes desse espaço. O dito Grutilhão situa-se à montante da nascente do Riacho São Gonçalo e de um dos afluentes do Riacho das Traíras.

---

[1] Licenciado em Filosofia, com habilitação em Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor Associado (aposentado) da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF; Presidente da Fundação SOS São Francisco. Endereço: Rua Job Marques, Nº 38; Bairro Jardim Novo Encontro; Juazeiro - BA; CEP: 48.904-457. Fone: (74) 3613 – 6897; (74) 98873 – 7470. E-mail: celito.kestering@gmail.com

Figura 1 – Localização da área destinada ao empreendimento

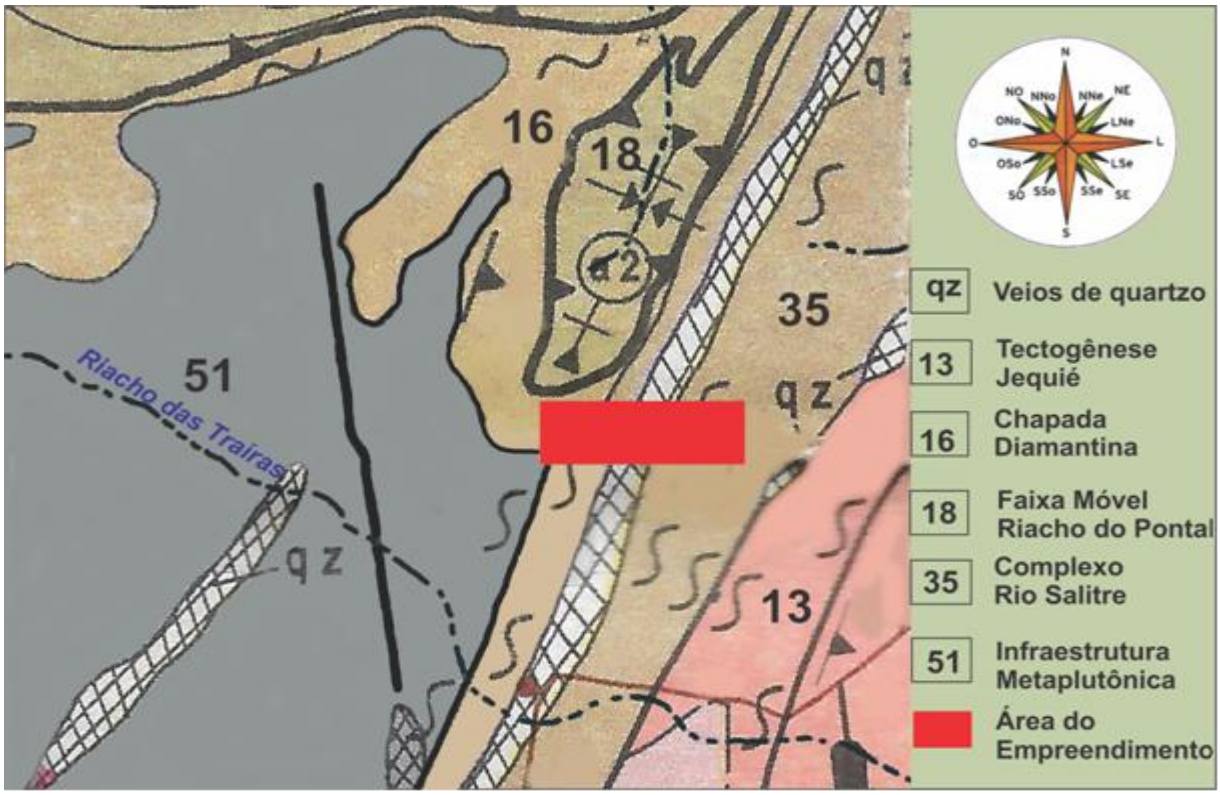


Fonte: Diretoria de Serviço Geográfico do Ministério do Exército (1977), modificado pelo autor

3 ASPECTOS GEOLÓGICOS

Na área destinada ao empreendimento existem afloramentos de duas unidades geológicas distintas, quais sejam: Complexo Rio Salitre, Unidade Sobradinho (Serra das Traíras) e Grupo Chapada Diamantina, Formação Tombador (Serra do Fundo do Saco). Entre as duas unidades formaram-se densos depósitos de Tálus com matacões, seixos, calhaus, areia e silte. (Fig. 2).

Figura 2 – Esboço geológico da área do empreendimento



Fonte: Angelim (1997), modificado pelo autor

3.1 Complexo Rio Salitre, Unidade Sobradinho

Na Serra das Traíras, setor leste da área do empreendimento, vem-se muitos blocos, matacões e afloramentos de rochas do Complexo Rio Salitre, Unidade Sobradinho. O Complexo Rio Salitre constitui-se de rochas metavulcanossedimentares que se formaram no Éon Arqueano (de 4,5 a 2,5 bilhões de anos). Esse complexo subdivide-se em Unidade Baixo Vale do Rio Salitre (inferior) e Unidade Sobradinho (superior).

> Litologicamente, os continentes do Arqueano eram constituídos de granitos e gnaisses quartzofeldspáticos, rochas pouco densas, que "boiavam" no oceano de magma que estava se resfriando, formando uma fina crosta. Esses blocos continentais eram circundados por "greenstone-belts", cinturões lineares espessos de rochas vulcânicas, com alto teor de ouro e níquel. Também eram comuns os komatiitos, que são rochas vulcânicas muito magnesianas. Também havia a geração de rochas sedimentares, como as grauvacas nas águas profundas e conglomerados nas águas mais rasas. Esses sedimentos são ricos em ouro e uraninita. O ferro oxidado que é tão comum nas rochas sedimentares mais recentes não é significativo nas rochas dessa idade. A presença de uraninita e a ausência de ferro nas rochas arqueanas sugerem uma atmosfera pobre em oxigênio, já que o primeiro só é estável em condições redutoras e o segundo, ao contrário, se dissolve em ambiente redutor. (ARQUEANO, 2017, s. p).

As rochas da Serra das Traíras pertencem à Unidade Sobradinho. Elas apresentam “filitos e micaxistos com esporádicas intercalações de tremolita – actinolita xistos, e clorita-hornblenda anfibolitos”. (ANGELIM, 1997, p. 17). No meio dessas rochas, com orientação

nordeste – sudoeste, no Éon Proterozoico Inferior, de 2,5 a 1,6 bilhões de anos, incrustou-se um veio de quartzo de regime distensivo da Tectogênese Transamazônica. (Fig. 3). Veios de quartzo são rochas magmáticas que se infiltraram nas fendas de rochas mais antigas.

Figura 3 – Serra das Traíras em cujo topo se vê o afloramento do veio de quartzo



Foto: Kestering (2017)

> [Os veios de quartzo] são resultado de um processo geológico que pode levar milhares de anos. Tudo começa quando o magma das regiões profundas da Terra encontra, através de fendas e fissuras, um caminho para chegar mais perto da superfície. Afastado do calor do centro do planeta, o magma começa a se resfriar, dando origem às rochas. Algumas vezes também são formadas cavidades com a água que penetra no subsolo a partir da superfície – e é nessas cavidades que aparecem os cristais, pois o líquido represado por elas é rico em minerais dissolvidos das rochas. O quartzo é um desses minerais mais comuns. Ele está presente nos três tipos de rocha que existem no planeta, as sedimentares, as ígneas e as metamórficas. (MUNDO ESTRANHO, 2011, s. p.).

3.2 Grupo Chapada Diamantina, Formação Tombador

Na Serra do Fundo do Saco, setor oeste da área do empreendimento, vêm-se muitos blocos, matacões e afloramentos de rochas do Grupo Chapada Diamantina, Formação Tombador. A Chapada Diamantina constitui-se de rochas metassedimentares que se formaram no Éon Proterozoico Médio, de 1,6 a 1,0 bilhões de anos. Esse grupo de rochas compõe-se de três unidades litoestratigráficas: Formação Tombador (base), Formação Caboclo (intermediária) e Formação Morro do Chapéu (topo).

> Onde hoje é sertão, outrora o mar reinava soberano. Há mais ou menos um bilhão e meio de anos, o oceano cobria essa área que era um mar raso, onde desaguavam rios torrenciais, vindos de outras grandes montanhas antes que um choque de placas tectônicas criasse as profundas fissuras e depressões encontradas atualmente. Assim iniciou-se a formação da bacia sedimentar do Espinhaço, onde rios e mares desempenharam o papel de agentes modificadores daquela paisagem. As inúmeras camadas de arenitos, conglomerados e calcários, hoje expostos da Chapada Diamantina, representam as atividades destes agentes ao longo do tempo geológico. (GEOLOGIA DA CHAPADA DIAMANTINA, 2017, s. p.).

Na Serra do Fundo do Saco, a Formação Tombador apresenta "arenitos parcialmente silicificados, finos a médios, com estratificações cruzadas de grande porte; arenitos médios a grosseiros e conglomeráticos com estratificações cruzadas tabulares, acanaladas e festonadas". (CPRM, 1997).

4 ASPECTOS AMBIENTAIS

Quem conheceu as serras do entorno de Sobradinho há quatro décadas, ao visitá-las nos dias atuais, salta aos olhos a diferença da paisagem. Outrora ela era exuberante. Várias espécies vegetais conservavam-se verdes durante oito meses do ano (outubro a maio). Hoje, as serras estão desnudas. Nelas se encontram troncos secos e/ou tombados pela inclemência da seca que se prolonga e pela ação desumana de pessoas e empresas que, durante séculos, as depredam. Desnudas as serras, reduz-se a vazão das nascentes e desaparecem as águas correntes que havia no Boqueirão do Riacho São Gonçalo e no Boqueirão do Riacho das Traíras.

> A cultura do extrativismo colonialista que se implantou na região foi responsável pela destruição de toda a vegetação primitiva em ambas as margens do Rio São Francisco. Até as encostas foram desnudadas de vegetação. Delas se extraiu, durante séculos, madeira para construções, para carvoarias e para a prática da agricultura. (...). Sem a proteção natural das raízes das plantas, desmoronaram-se as barrancas marginais, assoreando todo o Rio que se torna, dia a dia, mais largo e mais raso, dificultando a navegação, outrora intensa. Reduzida a vegetação, modifica-se o clima que se torna sempre mais árido, reduzindo as vazões dos riachos tributários e do próprio Rio São Francisco. (KESTERING, 2001, p. 62).

Diz a população local que, em tempos antigos, nos solos aluviais do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, plantavam-se mangueiras, goiabeiras, cajueiros, bananeiras, coqueiros, capim elefante, capim mandante, cana de açúcar, batata doce e mandioca, em mais de 500 metros de extensão. A água foi diminuindo e hoje não se planta mais nos lameiros dessa feição de relevo. A vegetação nativa nesse trecho do riacho era exuberante. Nela se encontravam espécies vegetais da mata atlântica e exemplares faunísticos da floresta amazônica como foi o caso de um aracnídeo primitivo da espécie *Heterophrynus longicornis* que se encontrou no Sítio Arqueológico São Gonçalo 21 ou Furna do Caçador. (Fig. 4).

> Chama a atenção nos Boqueirões a enorme quantidade de plantas que nascem nas fendas dos maciços de quartzito. Nessas fendas, as suas raízes se desenvolvem e crescem, exercendo altíssimas pressões que afastam grandes blocos e criam gretas onde se abriga boa parte dos animais que compõem a fauna local. O mandacaru facheiro, o mandacaru de boi, o xiquexique e a gameleira são as mais comuns. Muitas dessas plantas encontram-se fixas nos talhados que lhes servem de suporte. Por serem xerófilas, sobrevivem a expensas da água que armazenam nos seus caules durante os meses chuvosos. A gameleira, porém, desenvolve um grande sistema radicular que se infiltra nas

fendas das rochas para buscar água em distâncias de até 20 metros. O juazeiro e o angico têm raízes que se infiltram nas fendas das rochas e do solo para buscar água em profundidades de até 50 metros. (KESTERING, 2001, p. 65).

Figura 4 - Aracnídeo primitivo da espécie *Heterophrynus longicornis*



Fonte: Kestering, Cavalcante e Almeida Neta (2013, s. p.)

4.1 Flora

Na visita técnica que se fez à Serra das Traíras, à Serra do Fundo do Saco e ao Grotilhão dos Caboclos e em conversas com a população do entorno, constatou-se que, na área do empreendimento, existem espécies de plantas típicas da caatinga, quais sejam: pereiro (*Platycyamus regnellii*); marmeleiro (*Cydonia vulgaris*); jurema branca (*Mimosa tenuiflora*); jurema preta (*Mimosa hostilis*); coroa de frade (*Melocactus bahiensis*); umbuzeiro (*Spondias tuberosa*); umburana de cambão (*Commiphora Leptophloeos*); umburana de cheiro (*Torresea cearensis*); xiquexique (*Cephalocereux gounellei*); mandacaru facheiro *(Pilosocereus pachycladus*); angelim (*Hymenolobium petraeum*); mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*); capoteiro (*Sterculia speciosa*); maniçoba (*Manihot piauyensis*); cansanção (*Cnidoscolus vitifolius);* alecrim (*Rosmarinus officinalis*); miroró (*Bauhinia forficata*), pinhão roxo (*Jatropha curcas*); juazeiro (*Zizyphus joazeiro*); baraúna (*Chinopsis brasiliensis*); aroeira-do-sertão (*Myracrodruon Urundeuva*); catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*); macambira (*Bromelia laciniosa*); caroá (*Neoglaziovia Variegata*) e cana fístula (*Peltophorum dubium*).

Junto aos afloramentos rochosos da Serra das Traíras e da Serra do Fundo do Saco predomina angico verdadeiro (*Parapiptadenia rigida*), angico de bezerro (*Piptadênia macrocarpa*), favela (*Cnidoscolus phyllacanthus*), mucunã (*Mucuna pruriens*), murici (*Byrsonia sp*.) pau ferro (*Caesalpinia férrea*), pau de rato (*Mycrocarpus sp.*), pau de colher (*Maytenus rígida*), pau de colher de vaqueiro (S*alvertia convalariodora*), oiticica (*Licania rígida*) e bom pra tudo (*Tecoma áurea*).

4.2 Fauna

A fauna silvestre na área do empreendimento é constituída de insetos como cupim (*Crytotermes brevis*), formiga (*Formidae sp.*), maria pobre (*Trypoxylon albitarse*), maribondo caboclo (*Polistes canadensis*), vespa (*Heros gigas*) e abelha *(Apis mellifera)*; pássaros como rolinha fogo apagou (*Scardafella squammata*), jandaia (*Aratinga solstitialis),* cancã (*Cyanocorax cyanopogon),* carcará (*Polyborus plancus*), gavião (*Mivalgo chimachima*), sofrê (*Icterus jamaicaii*), bentevi (*Pitangus sulphuratus*), anum preto (*Crotophagfa ani*), canário da terra (*Sicalis flaveola*), casaca de couro (*Pseudoseisura cristata*), coruja buraqueira (*Speotyto cunicularia*), João-de-barro (*Furnarius rufus*), asa branca (*Patagioenas picazuro*), galo de campina (*Paroaria dominicana*), seriema (*Cariama cristata*) e juriti (*Leptotila verreauxi*); mamíferos como macaco soinho (*Callithrix jacchus*), tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*), tatu peba (*Euphractus sexcinctus*), preá (*Cavia aperea)* e mocó (*Kerodon rupestris*); répteis como cascavel (*Crotalus durissus*), calango (*Cnemidophorus ocellifer*), camaleão (*Iguana iguana*), cobra coral (*Micrurus corallinus*), cobra corredeira (*Phylodrias nattereri*), jararaca da seca (*Bothrops erythromelas*), jararaca malha de cascavel (*Bothrops erythromelas*), jiboia (*Boa constrictor*), Lagartixa (*Briba brasiliana*), lagartixa de lajedo (Tapinurus helenae) (Fig. 5), teiú (*Tupinambis teguixim*) e cobra cipó (*Philodryas olfers*).

Figura 5 – Lagartixa de lajedo



Fonte: Kestering, Cavalcante e Almeida Neta (2013)

> A caça predatória está pondo em risco o equilíbrio do sistema ambiental (...) Durante nosso trabalho de pesquisa, fomos testemunha de matança de cobra cascavel em acasalamento. Havia delas com aproximadamente 1,5m. Em várias gretas, encontramos fezes antigas de tamanduá. Não encontramos fezes recentes, o que nos leva a crer que sua população também está sendo dizimada. Em um passado, relativamente recente, habitavam também no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, o caititu queixada, o tamanduá bandeira, a onça pintada, a onça do lombo preto, o lobo guará e a suçuarana. A ema, antes muito abundante, não mais existe nas imediações do Boqueirão. (KESTERING, 2001, p. 68).

5 ASPECTOS CULTURAIS, PRÉ-HISTÓRIA E HISTÓRIA

Para cumprir formalidades legais, Calderón et al. (1977) executou um projeto de salvamento arqueológico na área impactada pela construção da Barragem de Sobradinho, com especial atenção aos terrenos marginais e ilhas inundadas pelo lago e entorno próximo, onde havia registros rupestres. Mesmo priorizando o levantamento e cadastro dos sítios arqueológicos ribeirinhos, a equipe de Calderón identificou e registrou sítios de ocupação brejeira, próximo às serras.

> Brejos são terrenos onde os riachos se conservam mais ou menos permanentes, com suas margens, em geral férteis, em virtude dos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas. São também brejos os lugares baixos circundados por serras onde há nascentes, olhos d'água ou cacimbas. (KESTERING, 2001, p. 30).

5.1 Pré-história

Nas margens próximas do Rio São Francisco, nos solos aluviais quaternários e adjacências, Calderón et al. (1977) constataram que havia muitos sítios arqueológicos com vestígios relacionados à vida cotidiana de comunidades pré-históricas. A muitos deles a população local se referia como antigas aldeias de índios. Neles predominavam restos de cerâmica, mas havia também artefatos líticos, pilões em rocha e matacão, machados, batedores, moedores, pedras com marcas de uso, lascas de pedra, carvão, cachimbos, aribés, e fragmentos de ossos. Nesses sítios, a equipe realizou trabalhos mais intensos e sistemáticos do que nos de ocupação brejeira, onde se preservam muitos painéis de pintura rupestre, a exemplo de Brejo de Dentro, Mina do Incaibro e São Gonçalo a Serra.

A ocupação humana, nos terraços marginais e ilhas do Rio São Francisco, foi possível somente após a instalação do clima semiárido, responsável pela redução gradativa de sua vazão e a de seus afluentes. Os sedimentos de argila, silte e areia fina, predominantes nas margens e ilhas, provam a redução do volume de água e da força motriz de tração que o rio e seus afluentes tinham nos tempos pretéritos, quando o clima regional era tropical úmido.

Nas áreas de ocupação brejeira, pelo contrário, pode ter havido ocupação humana muito antiga, quando eram acessíveis somente os espaços mais elevados da paisagem. Existe, por isso, a possibilidade de se encontrarem vestígios arqueológicos com cronologias superiores há 12000 anos AP, na zona de ocupação brejeira ou de grafismos, que se situa entre as antigas fazendas de São Gonçalo e Salgado. Próximo à entrada do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, por exemplo, existem pilões de pedra, restos de cerâmica e artefatos líticos, da superfície do terreno até camadas estratigráficas profundas, o que sugere ter havido ocupação contínua de grupos humanos desde tempos remotos da pré-história até os dias atuais.

Grupos humanos pré-históricos habitaram a região de Sobradinho e Sento Sé até a chegada dos colonizadores portugueses, quando se tornaram escravos para realizarem atividades domésticas e lides campestres. Aos filhos dos índios não se davam direitos sobre propriedades. Seus pais eram quase sempre incógnitos. Nasciam escravos para serem

vaqueiros nas fazendas de gado. Houve, assim, a ferro e fogo, miscigenação de etnias e culturas. É muito raro, por isso, encontrar-se um sertanejo da região de Sobradinho e Sento Sé que não afirme descender de uma bisavó índia, pega a dente de cachorro.

5.2 História

Os aldeamentos missionários exerceram a função de ratificar a dominação portuguesa, pela imposição de sua ideologia e seus valores culturais. Restaram apenas as tradições indígenas que interessavam aos portugueses, por estarem ligadas à sua própria sobrevivência no sertão brasileiro. As feições indígenas de muitos remanescentes de antigos criadores de gado da região de Sobradinho sugerem terem sido frequentes os acasalamentos de portugueses com as índias, durante os séculos XVII e XVIII. Foi assim que, muitos povoados ribeirinhos surgiram de antigas aldeias. Dessa forma, preservaram-se tradições culturais indígenas até a construção da Barragem, quando se modificou radicalmente a paisagem e as condições ambientais da região, desestabilizando a vida, as tradições e os costumes das comunidades ribeirinhas. Nos livros eclesiásticos do século XVIII encontram-se muitos registros de batismo de filhos e filhas de índias com pais incógnitos.

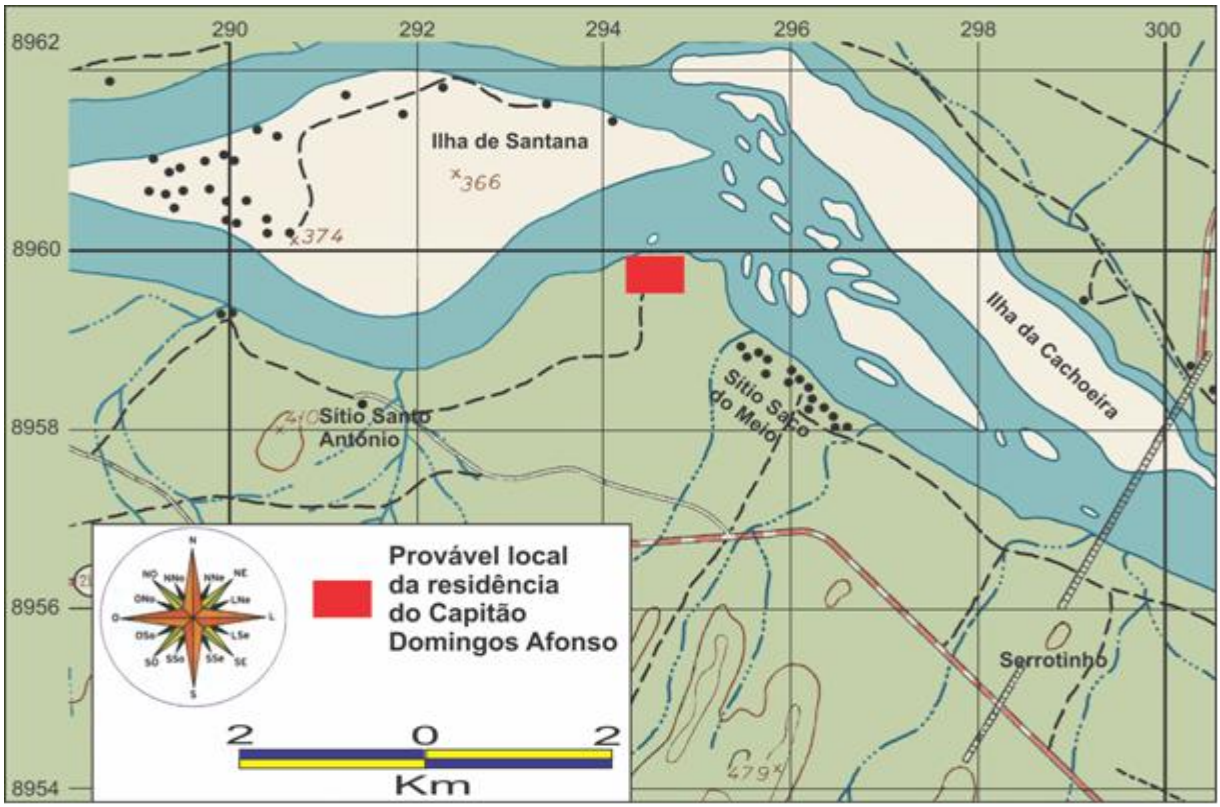
Entre os vaqueiros da região de São Gonçalo da Serra mantém-se a tradição oral de que alguns índios fugitivos da Missão de São Gonzalo dirigiam-se, periodicamente, ao Boqueirão onde realizavam rituais de sua cultura. A Missão de São Gonzalo era um aldeamento indígena, implantado na margem direita do Rio São Francisco, junto à foz do Rio Salitre, a 40 km de distância, em linha reta, do Boqueirão do Riacho São Gonçalo.

Pelo que se sabe da tradição oral, as áreas das antigas fazendas São Gonçalo e Salgado eram subdivisões da sesmaria que, em 1659, o Padre Antônio Pereira, tio e sócio de Garcia d'Ávila, recebera da Coroa Portuguesa, para criação extensiva de gado. Diz-se que, ainda no século XVII, parte dessa sesmaria pertenceu ao mafrense Capitão Domingos Afonso Sertão, homem de confiança da Casa da Torre. É muito provável que o Capitão Domingos tenha edificado sua residência na margem direita do Rio São Francisco, à jusante próxima da ilha de Santana e à montante do Serrotinho, próximo ao povoado de Juacema que, no passado se chamava de Sítio Saco do Meio. (Fig. 6). Nesse povoado, hoje inundado pelo Lago de Sobradinho, Calderón et al. (1977) identificaram um sítio arqueológico do qual resgataram 67 fragmentos cerâmicos. Esses vestígios da cultura local estão no laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia, em Salvador. Sobre eles ainda não se fez estudo algum para identificar atributos da identidade de seus artífices e/ou usuários.

> Domingos Afonso Sertão tinha sua morada na Fazenda Sobrado que assim era denominada como decorrência da construção assobradada que servia de residência a seu proprietário. Essa fazenda situava-se entre a foz do rio Salitre e o lugar hoje denominado Santana do Sobrado, junto à curva que o rio faz. (LIMA SOBRINHO, 1979, p. 105 *apud* KESTERING, 2001, p. 48).

Domingos Afonso Sertão morreu, em Salvador – BA, no dia 18 de junho de 1711, deixando aos Jesuítas, grande parte de sua herança de que constavam trinta fazendas de gado que implantara na região sudeste do Piauí.

Figura 6 – Provável local da residência de Domingos Afonso Sertão, em Sobradinho – BA



Fonte: Diretoria de Serviço Geográfico do Ministério do Exército (1977), modificado pelo autor

> Não tendo herdeiros, Domingos Afonso Sertão instituiu herdeira a sua alma, fórmula com que então se faziam grandes obras de misericórdia ao próximo, quer no sentido estrito da caridade imediata de misericórdia temporal, quer de misericórdia espiritual, sustentando instituições de ensino e formação de jovens, que iriam depois, já formados, exercitar de uma e outra maneira a caridade para com o próximo. O melhor de seus bens deixou-os ao noviciado que fundara; deixou também alguns ao Colégio da Baía; e inúmeros legados a seus servidores, amigos, irmãs, sobrinhos, e confrarias; alforriou a diversos escravos seus, dotou moças pobres e honestas; não esqueceu o Padre *procurador do próximo* (pobres e presos da cadeia); e instituiu encargos pios de missas, que deveriam ser ditas perpetuamente (ajuda indireta à Igreja), para os quais deixou rendimentos adequados. Nomeou em primeiro lugar executor do Testamento e administrador de todos os seus bens, o Reitor do Colégio da Baía, o que o fosse no momento, e os que lhe sucedessem. Era, na ocasião, o Pe. João Antônio Andreoni. Aceitou o encargo e oito dias depois escreve ao Geral, resumindo as disposições testamentárias e o que fez na primeira semana, que se seguiu ao falecimento do fundador. (LEITE, 1945, p. 143).

Não se sabe se as terras que originalmente pertenceram ao Pe. Antônio Pereira incluíram-se no testamento do Capitão Domingos Afonso, como o foram as trinta fazendas que esse latifundiário mafrense possuía no Piauí. Essas últimas pertenceram e foram administradas pelos jesuítas até o ano de 1751, quando o Marquês de Pombal expulsou-os do Brasil. A decisão de expulsá-los visava dar fim aos conflitos que havia entre os colonos e os sacerdotes missionários. Enquanto os primeiros defendiam a utilização da mão de obra escrava indígena, os religiosos negavam-se a ceder seus catequizados para o empreendimento colonial. As terras administradas pela Companhia de Jesus foram, então, tomadas por militares e colonos ou doadas e leiloadas pela Coroa Portuguesa. (SOUSA, 2017, s. p.).

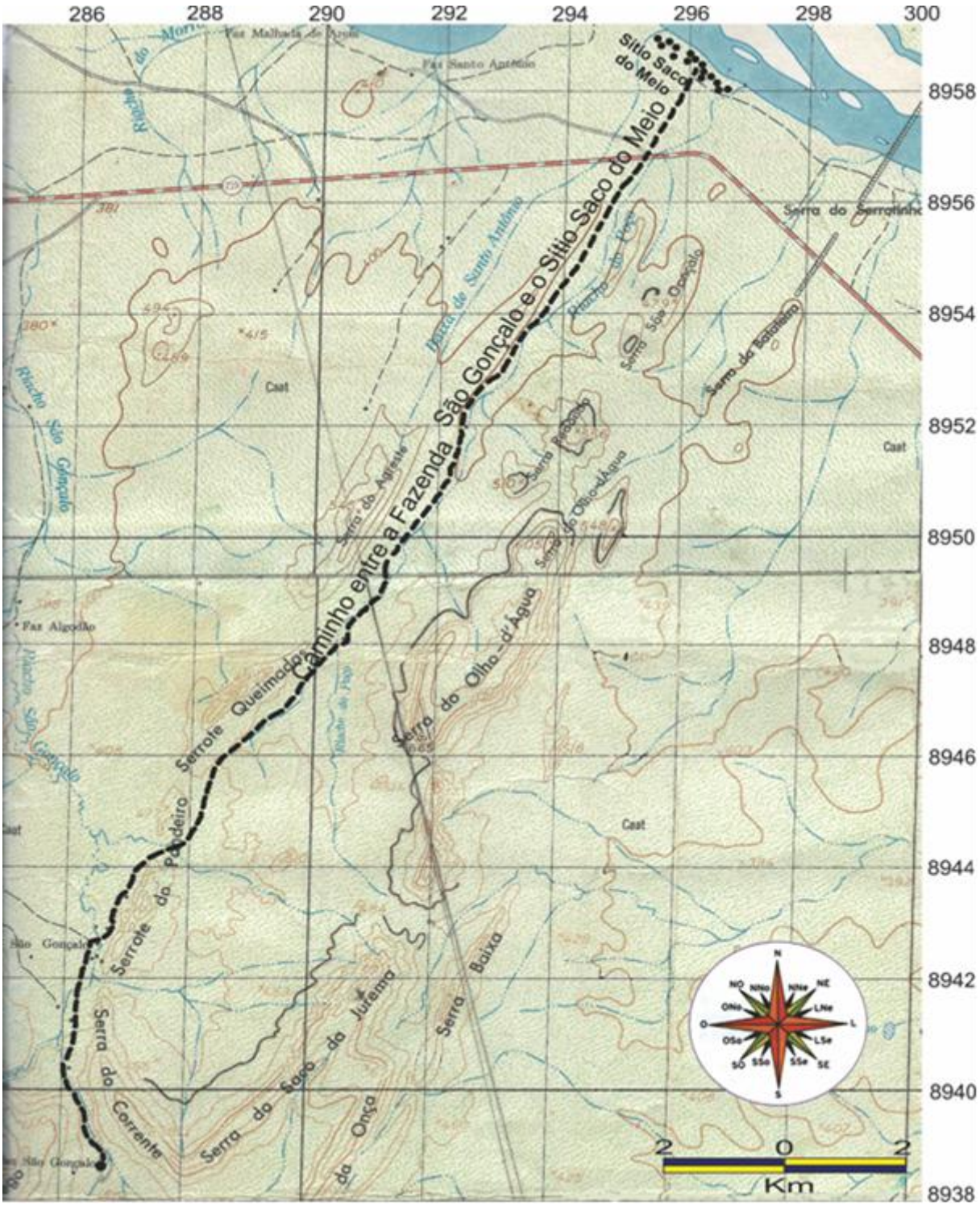
Aos escravos (índios e africanos) que até a Reforma Pombalina não se registravam com sobrenomes, exigiu-se que lhes atribuíssem os mesmos de seus proprietários portugueses. Para evitar que reivindicassem direitos sobre suas posses, muitos portugueses tiveram o cuidado de registrarem-nos com o seu sobrenome, precedido pela preposição de. Essa relação subordinativa mostrava que o sobrenome do fazendeiro não se dissociava do que se atribuía ao escravo. Antes, pelo contrário, deixava claro que esse continuava sendo propriedade sua. Foi assim que surgiram os sobrenomes **dos Santos, de Souza, da Silva, da Rocha e da Costa**. Outros portugueses não tiveram esse cuidado e registraram-nos com seu próprio sobrenome, sem a preposição que caracterizasse tratar-se de uma posse sua.

No período das reformas pombalinas, segunda metade do século XVIII, os posseiros da fazenda São Gonçalo moravam na margem direita do Rio São Francisco, entre a sede da Fazenda Pedras e o povoado de Juacema, então conhecida como Sítio Saco do Meio. No livro de batizados da Freguesia de Sento Sé (1752 a 1783), há observações sobre o lugar onde alguns pais dos batizados moravam. Nele consta que, na Fazenda Pedras residiam membros das famílias de Souza, dos Santos, da Silva, Pires, da Cruz, Gomes, Serras e da Rocha; no Sítio Santo Antônio, membros das famílias Rodrigues, Vicente, da Costa, Pacheco, da Conceição e Soares; no Sítio Saco do Meio, membros das famílias Carvalho, de Souza, Vieira, dos Santos e Aguiar. Essas famílias dedicavam-se à agricultura de subsistência nas ilhas e margens do rio e à criação de gado solto nas caatingas. O traçado do caminho entre o povoado do Saco do Meio e a Fazenda São Gonçalo sugere ligação maior entre os moradores desse povoado e a dita fazenda. (Fig. 7). Essas práticas estenderam-se ao longo dos tempos até a década de 1970, quando se construiu a Barragem de Sobradinho, exigindo a relocação das famílias ribeirinhas para a borda do lago. (GUNTEN; KESTERING, 1979).

Para São Gonçalo da Serra foram relocadas mais de cinquenta famílias. Cada uma delas recebeu um lote de terra individual para a prática da agricultura familiar de sequeiro. Havia, também, áreas abertas para criação extensiva de animais domésticos (caprinos, ovinos, muares, equinos, asininos, suínos e bovinos). Com essas áreas de criação extensiva, as famílias reassentadas amenizaram o trauma da relocação porque continuaram criando animais domésticos soltos na caatinga e caçando animais silvestres, como sempre o fizeram seus ancestrais, desde tempos remotos da história local.

Na década de 1990, face às dificuldades que encontraram para sobreviver nas pequenas glebas de terra onde foram assentados, muitos chefes de família começaram a vendê-las, por preços irrisórios, aos intermediários de empresas agropastoris que investiam na região. Nas mãos desses, as pequenas glebas eram ampliadas pela invasão e inclusão de áreas de uso coletivo. Assim se tornava dia a dia mais difícil a vida de quem decidira permanecer na terra cujo direito a uso herdara de seus ancestrais. (GUNTEN, KESTERING; SÁ, 1990). Propôs-se, por isso, registrar a área de uso coletivo que restava, em um fundo de pasto onde os membros das famílias Moquim e Gato pudessem criar animais domésticos, da mesma forma que sempre o fizeram, antes, durante e depois da construção da Barragem de Sobradinho. Propôs-se a criação de uma entidade, a Fundação Ambientalista Moquim Gato (FAMOGA) para gerenciar o fundo de pasto de uso coletivo, em respeito e homenagem aos índios Tamoquim e aos Gato ou Piró, como carinhosamente eram chamados os filhos dos colonizadores portugueses na região.

Figura 7 – Traçado do caminho entre a Fazenda São Gonçalo e o Sítio Saco do Meio (Juacema)

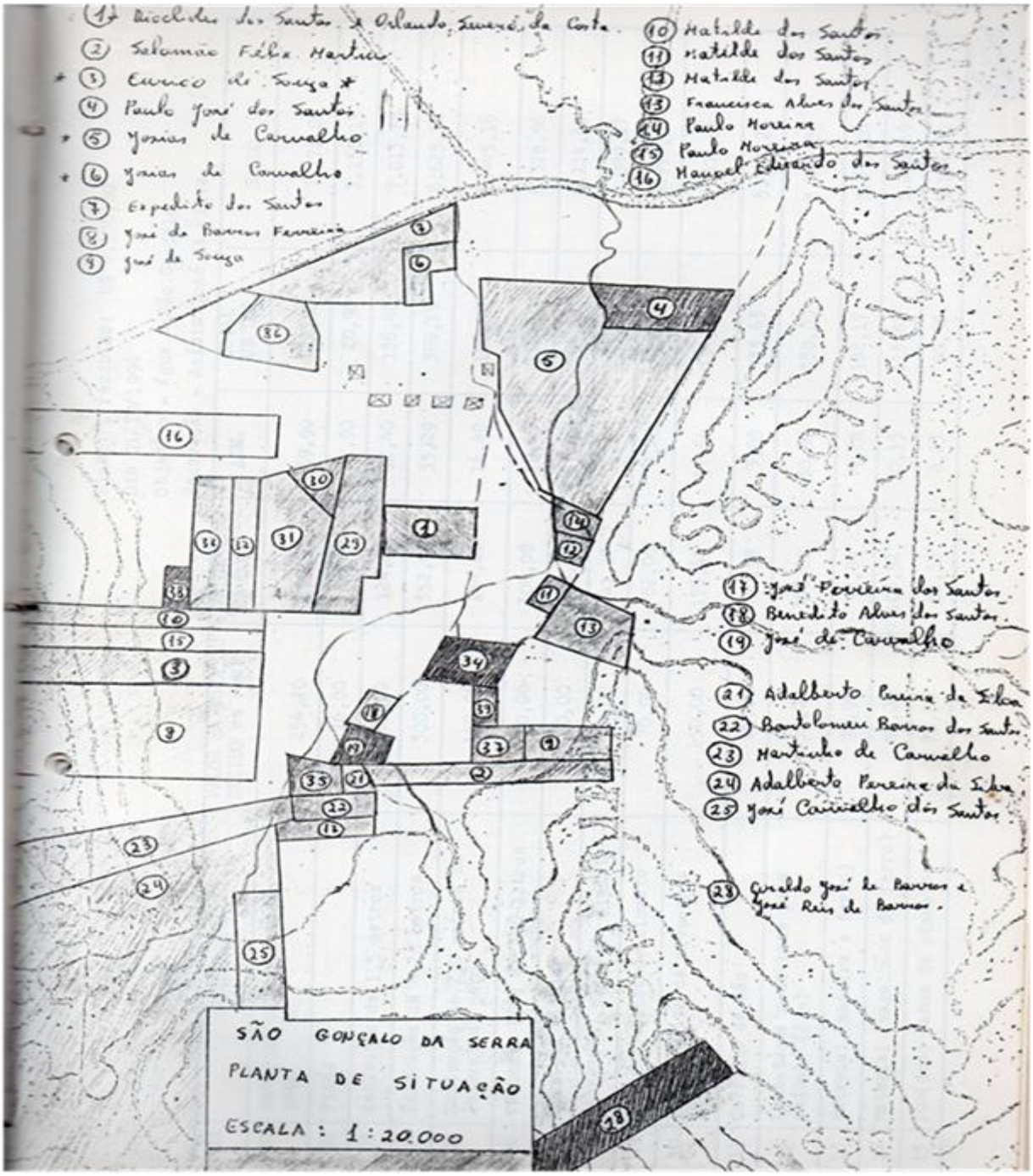


Fonte: Diretoria de Serviço Geográfico do Ministério do Exército (1977), modificado pelo autor

> [Essa entidade teria] as seguintes finalidades: a) prover a comunidade de água, construindo uma barragem no local; b) garantir as terras para a comunidade, inclusive adquirindo as terras dos lavradores que quisessem vendê-las; c) adquirir as terras que Salomão Félix Martins já tinha comprado para o italiano Jean Pietro; d) criar um parque ecológico e arqueológico. A meu pedido, participou desta reunião a agente da CPT Diocesana, Maria Salete Pereira. (SOUZA, 1995).

Enquanto se elaboravam os estatutos para organização e registro da Fundação, com recursos enviados por entidades filantrópicas suíças, readquiriram-se glebas de terra que haviam sido vendidas e compraram-se outras de quem insistia na decisão de vendê-las. (Fig. 8). Pretendia-se, assim, garantir a formação do fundo de pasto, para implantar projetos de sobrevivência da população, em harmonia com o meio ambiente. Por interferências políticas, não se registrou a fundação e nem se lhe transferiram as terras compradas para a implantação do Fundo de Pasto dos herdeiros do patrimônio Tamoquim.

Figura 8 – Croquis das áreas compradas para o fundo de pasto de São Gonçalo da Serra



Fonte: Kestering (1995, p. 95)

> Os animais selvagens sempre foram e ainda continuam sendo a maior fonte de proteína utilizada na alimentação daquela gente. A caça indiscriminada e predatória tem contribuído para a extinção completa de alguns animais na região. Outros se encontram em séria ameaça de extermínio. O desmatamento indiscriminado para a venda de estacas tem contribuído para a desertificação da região. Peter Von Gunten e eu entendemos que um trabalho sério no sentido de restabelecer o equilíbrio ecológico poderá ser, muito em breve, um dos maiores incentivadores a que a comunidade de São Gonçalo permaneça na sua terra. (KESTERING, 1995, p. 23-24).

6 AÇÕES PARA IMPLANTAÇÃO DA RESERVA ECO-ARQUEOLÓGICA DE SÃO GONÇALO

Para implantar e registrar o Fundo de Pasto das famílias Moquim e Gato, a Prefeitura Municipal de Sobradinho firmou convênio de cooperação técnica e científica com a fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM). Esse convênio tinha o objetivo de promover o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas e a realização de ações destinadas a incentivar o eco-desenvolvimento das populações circunvizinhas às áreas de Preservação Ecológica e Arqueológica no Município de Sobradinho – BA. A convenente executora assumia os seguintes compromissos:

> a) Coordenar e desenvolver as pesquisas arqueológicas e interdisciplinares (...) no município de Sobradinho.
> b) Fornecer regularmente relatórios sobre os avanços das pesquisas em curso.
> c) Utilizar, na medida do possível, a mão de obra local.
> d) Programar e captar verbas de entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, em nome do município de Sobradinho, para aplicar na pesquisa científica e no desenvolvimento da comunidade das áreas de preservação ecológica e arqueológica, visando melhorar as condições de infraestrutura, educação e saúde.
> e) Implementar todos os projetos para os quais tenha obtido o financiamento necessário. (...).
> A convenente, através do Conselho Municipal do Meio Ambiente, fiscalizará a Fundação Museu do Homem Americano na administração das verbas. (CONVÊNIO DE COOPERAÇÃO TÉNICA, 1994 apud KESTERING, 1995, p. 104-107).

A Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM) iniciou as atividades ajustadas no convênio. Logo percebeu que o patrimônio arqueológico pré-histórico transcendia muito os horizontes do Fundo de Pasto de São Gonçalo da Serra. Chegavam notícias de que, em Juazeiro, Campo Formoso e Sento Sé havia também muitos sítios arqueológicos com painéis de pintura rupestre. Sugeriu, por isso, a implantação de uma reserva ecológica e arqueológica intermunicipal, administrada por conselhos municipais que cada prefeito constituiria em seu município, para incentivar a pesquisa e zelar pela preservação do patrimônio ambiental e cultural de seus respectivos territórios. Fez-se uma reunião de trabalho em Sobradinho, com a participação de representantes dos municípios de Juazeiro, Sobradinho, Campo Formoso e Sento Sé.

> Concluída a reunião, o prefeito municipal de Juazeiro, Misael Aguilar, em contato telefônico, expressou seu desejo de também participar da reserva arqueológica intermunicipal. Disse, ainda, ter sido informado a respeito do interesse do Secretário Estadual do Turismo, Sérgio Gaudenzi, em fomentar essas pesquisas, objetivando o desenvolvimento da cultura e do turismo regional. (KESTERING, 1995, p. 115).

De imediato, o prefeito municipal de Sobradinho encaminhou à Câmara Municipal um projeto de lei, propondo a constituição do Conselho Municipal do Meio Ambiente com a

finalidade de assegurar a participação da comunidade na elaboração de programas referentes à preservação do meio ambiente no território da Terra da Barragem. Ao conselho competia, também, a responsabilidade de gerir o Fundo Municipal do Meio Ambiente. Aprovado pela edilidade, a lei foi sancionada no dia 08 de agosto de 1994. Nesse mesmo dia sancionou-se a Lei Municipal Nº 133/94, que criava o Fundo Municipal do Meio Ambiente. As leis asseguravam o direito de catorze entidades se fazerem representadas.

> I – Prefeitura Municipal de Sobradinho (PMS);
> II – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA);
> III – Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA);
> IV – Centro de Recursos Ambientais (CRA)
> V – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF);
> VI – Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF);
> VII – Câmara Municipal de Sobradinho (CMS);
> VIII – Colônia de Pescadores Z26;
> IX – Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR);
> X – Associação de Serviço Promocional Agrícola de Sobradinho (ASPAS);
> XI – Cooperativa Agrícola Mista do Perímetro Irrigado do Tatauí (CAMPIT);
> XII – Cooperativa Agrícola Mista do Perímetro Irrigado de Sobradinho (CAMPISO);
> XIII – Associação do Alagadiço;
> XIV – Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Sobradinho. (LEI MUNICIPAL Nº 132/94).

No mês de setembro do mesmo ano, por força do Decreto Nº 233/94, aprovou-se o Regimento Interno do Conselho Municipal do Meio Ambiente. Como resultado da atuação do Conselho Municipal do Meio Ambiente, os vereadores de Sobradinho aprovaram e o prefeito sancionou a lei municipal que criava a Reserva Ecológica e Arqueológica de São Gonçalo da Serra.

> (...) Art. 1º - Fica criada a Reserva Ecológica e Arqueológica de São Gonçalo da Serra.
> Art. 2º - A área da Reserva Ecológica e Arqueológica de São Gonçalo da Serra será fixada, através de lei municipal, depois de levantamento topográfico.
> Art. 3º - A Administração da Reserva Ecológica e Arqueológica de São Gonçalo da Serra será feita pelo Conselho Municipal do Meio Ambiente.
> Art. 4º - Fica o Prefeito Municipal autorizado a baixar regulamento, disciplinando a exploração econômica da Reserva Ecológica e Arqueológica de São Gonçalo da Serra. (LEI MUNICIPAL Nº 143/95).

O Conselho Municipal do Meio Ambiente de Sobradinho reunia-se regularmente, acompanhava e fiscalizava o trabalho de pesquisa que se realizava em São Gonçalo da Serra sob a coordenação de Hélio Oliveira, pesquisador da Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM). Com a morte repentina e prematura do arqueólogo coordenador, interromperam-se as pesquisas até que se decidisse celebrar novo convênio de cooperação técnica entre a Prefeitura Municipal de Sobradinho e a Fundação Museu do Homem Americano. Ademais, as prefeituras dos municípios vizinhos não haviam criado suas reservas arqueológicas e nem celebrado convênios com a Fundação Museu do Homem Americano conforme havia sido combinado em reunião. Em dezembro de 1999, a Prefeitura Municipal de Sobradinho disponibilizou um de seus servidores para se capacitar e desenvolver as pesquisas arqueológicas no Boqueirão do Riacho São Gonçalo e adjacências, com orientação e supervisão de cientistas de renome internacional.

Essas pesquisas tiveram como resultado uma dissertação de mestrado sobre as pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, uma tese de doutorado sobre os sítios

arqueológicos do entorno da cidade de Sobradinho e vários trabalhos acadêmicos, publicados em revistas científicas e anais de congressos regionais, nacionais e internacionais. (KESTERING, 2001 a 2017). Se as pesquisas avançaram, tornando conhecido, nacional e internacionalmente, o potencial arqueológico e turístico de Sobradinho, a mesma sorte não teve o Conselho Municipal do Meio Ambiente que, durante mais de uma década ficou desativado.

Em 2014, constituiu-se novamente o Conselho Municipal do Meio Ambiente, renovando a esperança de se implantar a Reserva Eco-arqueológica de São Gonçalo da Serra com o seu respectivo Fundo de Pasto, onde os remanescentes dos índios Tamoquim e colonizadores Gato ou Piró pudessem viver com dignidade. Esse projeto depende não somente da boa vontade das famílias remanescentes das populações autóctones como também do apoio de instituições governamentais e não governamentais comprometidas com o bem estar social e a preservação do patrimônio natural e cultural do Submédio São Francisco.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face ao exposto, propõe-se não permitir que se implante o projeto de exploração de quartzito e/ou outras rochas na área do Fundo de Pasto dos Remanescentes dos índios Tamoquim antes que se a regulamente “disciplinando a exploração econômica da Reserva Ecológica e Arqueológica de São Gonçalo da Serra”. (LEI MUNICIPAL Nº 143/95).

Observa-se que o aludido projeto localiza-se à montante da fonte permanente de água potável que dessedenta a população humana, bem como de animais domésticos e silvestres do entorno da antiga fazenda de São Gonçalo. A implantação de uma jazida de quartzito da Chapada Diamantina ou de quartzo leitoso incrustado nas rochas do Complexo Rio Salitre poria em risco essa fonte de água doce. Nas fendas das rochas metassedimentares da Formação Tombador e nos poros das rochas metavulcanossedimentares da Unidade Sobradinho, acumula-se a água pluvial que, lenta e permanentemente a abastece.

As fendas horizontais e verticais que caracterizam as rochas da Formação Tombador decorreram da mudança de esforço estrutural que sobre elas incidiu durante milhões de anos. O intemperismo físico, químico e biológico que durante bilhões de anos agiu sobre as rochas da Unidade Sobradinho, tornou-as friáveis. A extração desses minerais traria consequências irreversíveis para o meio ambiente local e contribuiria para a diminuição da vazão do próprio Rio São Francisco. Sabe-se que a recomposição desse caudal depende em grande parte da recomposição da vegetação e das rochas que circundam suas nascentes.

Sugere-se, também, solicitar ao Ministério Público que promova revisão e subsequente anulação dos títulos individuais de propriedade, de áreas correspondentes ao Fundo de Pasto de São Gonçalo da Serra, emitidos após a aprovação e sanção da Lei Municipal Nº 143/95.

Propõe-se, ainda, a desapropriação para reintegração de posse das áreas das serras do Olho d’Água, do Saco da Jurema, do Saco da Onça e do Fundo do Saco aos posseiros remanescentes da Fazenda Pedras e dos sítios Santo Antônio e Saco do Meio (Juacema).

Durante séculos essas famílias utilizaram as áreas das ditas feições de relevo para a caça, a coleta e a criação extensiva de animais domésticos.

REFERÊNCIAS

ANGELIM, Luiz Alberto de Aquino. (Org.). **Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil. Petrolina, Folha SC.24-V-C**. Brasília: Serviço Geológico do Brasil (CPRM), 1997.

ARQUEANO. Disponível em: http://www.fgel.uerj.br/dgrg/webdgrg/Timescale/Arqueano.html. Acesso: 29 ago 2017.

CALDERÓN, Valentin; DÓREA, Ivan; ATAÍDE, Rogério. 1977. **Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico**. Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF. Gráfica Universitária da Universidade Católica de Salvador - Bahia, 1977.

CPRM. **Carta Geológica Petrolina SC.24-V-C**. Escala 1:250.000. 1997. Geologia Da Chapada Diamantina. Disponível em: http://www.ibicoara-chapada-diamantina.com/news/geologia-da-chapada-diamantina-ibicoara-bahia-brasil. Acesso: 29 ago 2017.

DIRETORIA DE SERVIÇO GEOGRÁFICO DO MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Folha de Campo dos Cavalos. Escala 1:100000, 1977.

GUNTEN, Peter Von; KESTERING, Celito. **Terra Roubada**. (Documentário). Berna: CINOV Film Production. 1979.

GUNTEN, Peter Von; KESTERING, Celito; SÁ, Rizonilde Queiroz de. **Terra Prometida**. (Documentário). Berna: CINOV Film Production. 1990.

KESTERING, Celito (Org.) **Preliminares da Reserva Eco-arqueológica de São Gonçalo, Sobradinho – BA (993 a 1995)**. Arquivo pessoal.

KESTERING, Celito. **Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho – BA**. 2001. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2001.

KESTERING, Celito; CAVALCANTE, **Amanda Nunes; ALMEIDA NETA, Maria de Fátima Paes de. Escavação do Sítio Arqueológico Furna do Caçador, no Município de Sento Sé – BA – I Etapa**. Disponível em: http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=arqueologia&id=75. Acesso: 01 set 2017.

LEI MUNICIPAL Nº 132/94. **Constitui o Conselho Municipal do Meio Ambiente, Define sua composição e competência**. 08 de agosto de 1994.

LEI MUNICIPAL Nº 143/95. **Cria Reserva Ecológica e Arqueológica de São Gonçalo da Serra**. 30 de janeiro de 1995.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomo V, da Bahia ao Nordeste, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1945.

REGISTROS DE BATISMO DA FREGUESIA DE SENTO SÉ - 1752 a 1780. (Manuscrito original); Cúria Diocesana de Juazeiro - BA.

MUNDO ESTRANHO. **Como se formam os cristais de Quartzo?**
Disponível em: https://mundoestranho.abril.com.br/ambiente/como-se-formam-os-cristais-de-quartzo. Acesso: 29 ago 2017.

SOUZA, José Rodrigues. **Carta enviada a representantes da paróquia de Wachtendonk (Alemanha)**, no dia 05 de novembro de 1995.

SOUSA, Reiner Gonçalves. **Reformas Pombalinas**.
Disponível em: http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil.
Acesso: 30 ago 2017.